

**18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)**

**GT 40 - Violência, Polícia e Justiça no Brasil: Agenda de pesquisa e
desafios teóricos-metodológicos**

**A violência a partir das narrativas de jovens moradores de bairros
periféricos da cidade de Salvador, BA**

Thaisa da Silva Ferreira (Mestre pela UFBA/ Doutoranda da UFG)
Maria Salete Souza de Amorim (Doutora pela UFRGS/ Docente da UFBA)

Julho de 2017

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado sobre as narrativas de um grupo de jovens, moradores de bairros periféricos da cidade de Salvador/ BA, acerca da violência, a fim de compreender como eles a percebem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, conduzida através da observação direta e de entrevistas semiestruturadas com jovens que cumpriam medidas socioeducativas de meio aberto. O estudo permitiu analisar as percepções dos jovens em relação aos seus bairros e o modo como articulam com outros marcadores sociais, a sociabilidade e a acessibilidade em diferentes espaços da cidade. Para estes jovens a concepção de violência está associada a dois diferentes momentos: primeiro, por parte dos traficantes de drogas que atuam em determinados bairros, pois esses tendem a controlar entradas e saídas dos jovens, independente se participam ou não desta atividade. E segundo, pelos policiais militares que atuam cotidianamente no chamado *baculejo*, uma forma de revistar e dificultar o acesso de determinados jovens em seus trajetos pela cidade. Embora Salvador tenha apresentado nos últimos cinco anos, os maiores índices de homicídio entre os jovens brasileiros, esse tipo de violência pouco foi relatada pelos jovens entrevistados. As percepções de violência apontam, primeiramente, para a dificuldade de acesso à cidade e para a forma de segregação racial e social. Para esse grupo o acesso desigual à cidade é a violência. Os resultados da pesquisa revelam que a violência constatada por este grupo não está diretamente relacionada à ocorrência dos homicídios, mas à dificuldade de acesso dos jovens a diversos locais da cidade de Salvador. As narrativas desses jovens sobre as possibilidades positivas e negativas de transitar na cidade de Salvador contribuem para o debate sobre as distintas formas de violência na perspectiva juvenil.

Palavras chaves: Violência; juventude; espaço urbano.

Introdução

O artigo apresenta resultados de pesquisa desenvolvida no mestrado, em 2016¹, que buscou problematizar a compreensão da violência entre os jovens de Salvador, BA, tendo em vista os altos índices de homicídios de jovens moradores de bairros periféricos da cidade, segundo dados de pesquisa nacional “Mapa da Violência”, ao longo dos últimos anos.

Os estudos que analisam as dimensões explicativas da violência letal e que buscam estabelecer relações causais para compreender o fenômeno enfatizam que os homicídios, em geral, estão associados a conflitos armados, ao narcotráfico, à pobreza, às desigualdades sociais, à desagregação familiar, ao desemprego, a ausência do Estado, a conflitos sociais e políticos, entre outros fatores (BRICEÑO-LEON, 2007; AMORIM; COSTA, 2013).

As narrativas dos jovens, entretanto, apontaram para outras violências, que não estavam diretamente relacionadas aos homicídios, ainda que reconhecessem quão violentos são estes atos e o quanto estão presentes no cotidiano das periferias. A maior violência para os jovens entrevistados consiste na interdição do acesso e circulação deles em determinados pontos da cidade, bem como a forma truculenta que a polícia os abordam para coibir tal acesso.

A análise das narrativas apontou para uma ampla e complexa percepção da violência no contexto vivido pelos jovens, revelando que sua compreensão sobre a forma de acesso à cidade, a abordagem da polícia militar, o tráfico de drogas e a questão racial, aponta para distintas relações sociais e diversas dinâmicas de vida e de morte em Salvador.

Dada à complexidade do tema, se observou que a concepção de violência é polissêmica e multifacetada, da mesma forma que juventude no Brasil e no Nordeste também o é, especialmente a partir do contexto urbano e periférico. Isso exigiu delimitar o campo de análise e um esforço metodológico para “observar” a dinâmica dos bairros de Salvador a partir das lentes de um determinado grupo de jovens, que na ocasião, cumpriam medidas

¹ Ferreira, Thaisa da Silva. Narrativas de jovens sobre percepções de violência em bairros periféricos da cidade de Salvador. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFBA, 2016.

socioeducativas em meio aberto², com atendimento na Fundação Cidade Mãe, entidade criada pelo Poder Público Municipal de Salvador, em 1995, e vinculada à Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude. Na sala da Central de Medidas foi possível observar o atendimento dado às famílias e aos jovens pela equipe de profissionais.

Após os contatos estabelecidos com os profissionais da Fundação e com os jovens atendidos na Central de Medidas, foram iniciadas as entrevistas com 20 jovens que aceitaram participar da pesquisa: todos do sexo masculino, com idade entre 15 e 18 anos, pelo menos dez deles se identificaram como negros ou morenos, afirmaram morar com sua família de origem ou com parentes próximos e que, no momento, não frequentavam a escola. Para melhor compreender suas experiências na família, nos bairros e nas ruas da cidade em relação à violência, o significado de suas gírias e o contexto de suas narrativas, foi realizada também uma observação direta nos bairros da periferia, locais de moradias dos jovens entrevistados³, de modo a situar as desigualdades sócio-espaciais e os padrões de mobilidade de Salvador.

O presente artigo está dividido em três seções. A primeira apresenta uma breve discussão sobre os espaços sociais e o local de moradia dos jovens entrevistados; a segunda seção aborda a concepção de mobilidade urbana em contexto de violência; a terceira seção analisa as percepções dos jovens sobre lugar de violência e de não violência. E as considerações finais expõem uma síntese das contribuições da pesquisa.

I - De onde venho e para onde vou

O local de moradia é extremamente relevante para os jovens. É esse o espaço que vai primeiramente identificá-los. E eles sabem como o bairro os identifica. Nas entrevistas, foi observado que existia certo constrangimento em dizer qual era o bairro em que moravam. Entretanto, entre os jovens que frequentavam a medida socioeducativa em meio aberto, falar do lugar de onde

² As medidas socioeducativas em meio aberto são aquelas em que os adolescentes participam de atividades socioeducativas em determinados dias da semana, e são aplicadas em atos infracionais considerados mais leves, como por exemplo, roubo e furto.

³ Bairros mais citados pelos jovens: Nordeste de Amaralina, São Caetano, Valéria Fazenda Coutos, Águas Claras, Paripe e Cabula.

vinham informava muito mais do que se queria informar, principalmente em relação aos jovens envolvidos com o tráfico de drogas local. Para muitos jovens, informar o bairro a que pertenciam trazia sua identidade atrelada a certo prestígio, a depender do quanto o bairro era “reconhecido” como mais violento.

Os jovens reconheceram que seus bairros são estigmatizados por outros moradores da cidade. Nos relatos, eles apontaram que ao informar onde moravam, seja para instituições públicas, como escola, delegacia, cadastros, colegas de trabalho, etc, as feições das pessoas mudavam, e emitiam comentários do tipo: *“você é corajoso hein!, você deve ser assaltado sempre, ou da última vez que fui lá quase voltei sem roupa,* ou perguntavam: *Como é que você consegue morar lá?* A depender do bairro, não é possível conseguir um taxi, pois o taxista informa que não faz a corrida até o local e há dificuldade na entrega de mercadoria comprada em lojas, por exemplo. Apesar deste contexto, os jovens relataram gostar do bairro em que moram.

Esse cenário descrito pelos jovens é o que Wacquant (2008) aponta como descivilização dos espaços reconhecidos como guetos, que de forma contrária ao processo civilizador (Norbert Elias), ajuda a explicar como surgiu um núcleo segregado ao redor das grandes capitais e também ao redor de espaços anteriormente industrializados, ou seja, espaços construídos à margem. Esses espaços concentravam, principalmente, trabalhadores vindos de outras cidades para morar em situações precárias e viver sem uma cobertura mínima de políticas públicas do Estado. Por isso o termo “descivilizados” interpreta que a causa principal não deve ser buscada no aumento de valores desviantes descontrolados, mas no recuo multifacetado em todos os níveis da atuação do Estado, isto é, na ausência e na inexistência de instituições e de políticas públicas que formam a infraestrutura organizacional de toda sociedade entendida como avançada. Para Wacquant (2008) existe uma política de abandono para esse grupo. Seria uma junção de fatores existentes no local especificado como gueto, ou seja, um misto de espaço deteriorado somado à ausência de políticas públicas e desemprego. No caso da cidade Salvador, os bairros periféricos se assemelham a esse cenário e também apresentam a questão do desemprego.

Os jovens apontaram que o número de pessoas desempregadas nos bairros onde moravam era bastante alto, e na perspectiva deles, isso prejudica diversas famílias que ali moram. Os mais atingidos com o desemprego são os jovens, fato que pode propiciar a sua entrada no mercado de drogas ou em outros mercados ilícitos, dado que foi bastante relatado pelos jovens entrevistados. Nesse sentido, tal cenário cria um espaço social estigmatizado, com pessoas “desocupadas”, assim como, a possibilidade de crescimento do tráfico de drogas local, e outras categorias de trabalhos consideradas não lícitas. Tudo isso corrobora para uma ideia falsa de que os bairros pobres, as ocupações⁴, os guetos, são espaços de pessoas consideradas preguiçosas, ruins e de má índole. Entretanto, Wacquant (2008) defende que o gueto foi e continua sendo um aparelho sócio-espacial de segmentação e de controle étnico-racial. No limite, o autor reconhece o gueto como uma cidade negra dentro de uma cidade branca.

II – A cidade violenta: violenta para quem?

Mobilidade urbana, deslocamentos espaciais e acessibilidade são questões que, juntas, definem as possibilidades positivas e negativas de viver a cidade. Segundo Vilaça (2001), a ideia de segregação está relacionada com as localidades dentro da cidade e não à ideia de distância e proximidade, ou seja, é uma relação social que diz respeito aos modos como a riqueza é distribuída e disputada pelos espaços. No caso da cidade de Salvador, além desses fatores apontados pelo autor, também é possível acrescentar a questão da raça e os entraves que ela apresenta para a mobilidade. É importante ressaltar que, em Salvador, a cor da pele importa, porque é primeiramente a cor da pele que autoriza os jovens a entrar e a sair de determinados locais, sendo vigiados, subjugados e intimados, seja pela segurança privada, pela polícia militar ou pelos transeuntes.

A pesquisa mostrou que, para os jovens, a ideia de transitar pelas ruas do bairro ou ir para outro bairro é algo que vai depender das relações que se tem com o tráfico de drogas local e também da relação que se tem com a

⁴ Em Salvador o uso do termo “ocupação” tem significado semelhante ao de favela

polícia. No caso dos jovens entrevistados, que trabalham com o tráfico, o que regulariza essa questão é a autorização de permanência ou não dos grupos rivais⁵ em cada espaço utilizado por eles. Este espaço pode ser uma determinada rua, um determinado quarteirão, uma escadaria, um beco, uma viela ou um bairro inteiro. São os traficantes que determinam os espaços possíveis para muitos desses jovens. Por outro lado, aqueles que não estão envolvidos com o tráfico de drogas e “teimam” em sair de seus bairros para locais turísticos, ocupados pela classe média, o que determinará a sua permanência no local será a segurança privada ou a polícia militar. O critério, em geral, é a cor da pele: sendo jovem pobre e branco, sua permanência será mais tolerada e seu confinamento menos rígido; sendo jovens pobres e negros serão mais observados e subjugados, conseqüentemente, também, mais confinados em determinados locais da cidade de Salvador.

Nessa perspectiva, os discursos dos jovens se direcionavam sempre em defesa do lugar em que moravam, justificando porque se vestiam de certa forma, porque gostavam de determinadas músicas e não de outras, como por exemplo, rap, arrocha, pagode, etc. O local de moradia também foi narrado como o lugar de reconhecimento pelos seus iguais, seus vizinhos, comerciantes e trabalhadores. Fator interessante é que, muitas vezes, um lugar considerado por eles como realmente violento representava mais um motivo de respeito para outros jovens.

Dessa forma, o espaço social se retraduz no espaço físico. E talvez, por isso, os jovens apontem, com tanta ênfase, para as características identitárias de quem pertence ao bairro. Nesse aspecto, Bourdieu (1997) defende que a posição de um agente no espaço social se exprime no lugar do espaço físico em que está situado e pela posição relativa que suas localizações temporárias, e principalmente em relação às localizações de outros agentes. Tais localizações se referem ao local de moradia e também ao local de consumo, e esse último, segundo os relatos, é de grande importância para os jovens.

Frequentemente eles relatavam como era seu local de moradia, descrevendo suas casas como sem reboco, sem acabamento e sem pintura.

⁵ Salvador, assim como outras capitais, possui um número significativo de grupos organizados no ramo do tráfico de drogas, segundo os relatos dos jovens os mais atuantes eram os grupos nomeados “Caveira” e o grupo Comando da Paz – CP.

Os bairros, em geral, distantes da área central e das praias, e as ruas nem sempre asfaltadas ou iluminadas. Segundo eles, as instituições públicas, como escolas e postos de saúde, funcionam com precariedade; e o transporte público sempre muito lotado de pessoas. A presença de estabelecimentos comerciais aparece em todas as narrativas. Grande parte dos jovens apontou que, em seus bairros, o comércio local era mais que suficiente. Importante dizer que, dos 20 (vinte) jovens entrevistados somente 4 (quatro) apontaram essas características estruturais como ruins. Em geral a estrutura do bairro era narrada por eles sem nenhuma percepção crítica ou como uma perspectiva de violência. A existência de espaços públicos ou privados de lazer e esporte foi citada somente por jovens de dois bairros, e esses espaços eram: uma praça e um campo de futebol. Esse último representava um espaço de lazer, o que tornava um final de semana melhor; mas por outro lado, também, era espaço de disputas entre moradores de outros bairros, ocorrendo frequentemente brigas e homicídios.

Nesse aspecto, participar de eventos ou festas no bairro, ou transitar pelos espaços frequentados por outros jovens e em diferentes espaços da cidade, principalmente, nas regiões da orla de Salvador, era o que mais os motivavam. É na orla, no Pelourinho e no bairro da Barra onde ocorrem com mais frequência os eventos culturais promovidos pela prefeitura municipal com gratuidade, por isso a busca desses jovens em chegar até esses espaços. Contudo, a acessibilidade por estes espaços da cidade acarreta algumas limitações e preocupações. Limitações por conta do *baculejo*, uma forma de a polícia militar revistar e coibir o acesso desses jovens em seus trajetos pela cidade, além das preocupações com os diferentes grupos de traficantes de drogas, que fiscalizam quem entra e quem sai de determinados bairros.

Ser jovem, negro, pobre e viver na periferia, por si só, demarca diversos atributos negativos na sociedade brasileira. Mas esses jovens, por outro lado, reafirmam tais atributos considerados negativos como positivos para eles. Exemplo disso são as letras de funk, arrocha, hip hop e rap, essas últimas narram o orgulho de ser negro e da dignidade de morar em uma ocupação e na importância de ajudar os “irmãos”, isto é, os mais “chegados”. Muitas vezes, essas mesmas letras apontam a ousadia de ser ladrão, de portar uma arma, de matar um policial ou ainda de ser trabalhador do tráfico de drogas, ou seja, são

atributos que conferem sentidos e apontam para um lugar que se ocupa na sociedade. É o que Bourdieu (1996, p.26) chama de “espaços objetivos de constrangimentos e facilidades para ambas as classes”. Pois, o que é cantado nas músicas pelos jovens de classe baixa, são características positivas e de facilidades para sua sobrevivência, o que pode ser percebido, por outras classes, como motivo de constrangimentos.

Paralelamente a essas construções, corroborando com o referido autor, que a realidade social é a base para a igualdade e para a desigualdade. É nas relações e nos espaços sociais, a partir dos laços materiais e simbólicos que se cria um campo de disputa entre as classes sociais. É dentro e fora do bairro que essas disputas ocorrem. Wacquant (2013) aponta que as classes existem na medida em que as pessoas empregam esquemas de percepção, apreciação e ação, baseados em classe e originários das divisões objetivas do espaço social, que ativam e inscrevem essas divisões nas relações sociais e nas lutas políticas.

Nessa direção, é a partir do conceito de capital cultural que os discursos proferidos pelos jovens soteropolitanos em relação aos lugares que frequentam e as descrições que fizeram de sua própria identidade e a identidade dos outros jovens são elaborados. Em suas narrativas esteve presente a importância de falar onde moravam, quem eram as pessoas certas para estar junto e qual era o tipo errado, assim como foi mencionada a importância de se ouvir determinadas músicas e usar determinadas roupas. Outro fator que os jovens pontuaram, de forma marcante, foi o quanto eles se diferenciavam dos “playboys”, isto é, dos meninos que moravam em bairros como Pituba, Ondina, Graça, Rio Vermelho e Corredor da Vitória⁶. Nestes casos, a diferenciação era sempre o que os identificava e o que os diferenciava.

Os jovens entrevistados, ao comentarem sobre os bens materiais, destacaram que tinham mais de uma televisão em casa, e algum tipo de videogame. Parte dos jovens tinha algum parente que possuía um automóvel ou uma moto, e computadores em seus domicílios. Pelo menos alguém da casa tinha um celular com vários chips de operadoras diferentes. Chamou a atenção que, nos encontros na Fundação Cidade Mãe, os jovens sempre mostravam um aparelho de celular diferente, pois estavam sempre trocando

⁶ Bairros ocupados pela classe média e pela classe média alta em Salvador.

por um modelo novo de celular. Apareciam, em geral, vestidos com calça jeans ou bermuda, camiseta e tênis e com acessórios como bonés e fones de ouvido, das mais variadas marcas.

A maioria dos jovens apresentavam tatuagens, cujo desenho é o de uma coroa, que remete ao símbolo da marca do relógio Rolex, como me explicou um dos jovens. As mães, que na maioria das vezes acompanhavam os jovens, também sempre se apresentavam vestidas com roupas de marcas de grife: bolsas da marca Louis Vuitton, Gucci, Armani, relógios da marca Dior e óculos da marca Prada. Paradoxalmente, com frequência, seus sapatos ou sandálias estavam sujos de barro. Essas vestimentas de marcas reconhecidas internacionalmente, ainda que haja a possibilidade de algumas serem falsificadas, chamam a atenção devido ao fato de que os jovens apontaram, nas entrevistas, que essas marcas são prioritariamente utilizadas pela classe média, classe essa da qual eles querem se diferenciar, pois é essa a classe que mobiliza ou permite toda a engrenagem que os separa social e espacialmente.

Possivelmente, o que se consome entre esses jovens e seus familiares é o que eles construíram e assimilaram como identidade para si, em um misto de querer ter e de responder a uma demanda de consumo imposto socialmente, algumas vezes para se diferenciarem de outras classes, e outras vezes para se tornar semelhantes a elas. Para os jovens, o morar e o consumir fazem deles um indivíduo na sociedade. Nesse aspecto, para Bourdieu (1997), o espaço demanda de seus ocupantes uma série de condições para que se sintam parte daquele local. Condições relacionadas a aspectos de comportamento ou aspirações. Certos espaços requerem ainda a posse, não só de capital cultural e econômico, mas também do capital social, proporcionando aquilo que o autor chama de efeito de clube, resultante da associação durável de pessoas e coisas. Esses espaços excluem quem não apresenta as propriedades desejadas ou quem apresente uma propriedade indesejada. Os lugares sofisticados empregam simbolicamente os seus habitantes, assim como os lugares estigmatizados degradam simbolicamente os seus habitantes. A cidade de Salvador possui esses espaços de forma bastante visível e segregada.

Mas, para além das diferenças de consumo é possível detectar outra forma de separar os jovens na cidade a partir de sua classe e raça. Nesse sentido, é possível refletir a forma de como o jovem vai ocupar a cidade e como isso perpassa muito mais pela questão da desigualdade social/racial em Salvador a partir de uma de suas festas mais importantes: o carnaval.

Nesse aspecto, os jovens quando conseguem sair/transitar por outros espaços, que não o seu bairro, são colocados em determinados espaços da cidade, dentro de um limite para o trânsito e ocupação deles. Entre os entrevistados, três jovens relataram suas experiências em participar do carnaval. O carnaval de Salvador, segundo eles, tem quatro grupos: 1) o do bloco/trio elétrico; 2) os participantes que estão com abadá⁷ nos blocos ou nos camarotes; 3) os “cordeiros”⁸; e 4) os “pipocas”: as pessoas que estão do lado de fora da corda. Muitos jovens da periferia conseguem adquirir o abadá, entretanto é mais comum entre jovens da classe média. No caso dos jovens entrevistados sua participação era majoritariamente como pipoca ou cordeiro. E ser cordeiro entre os jovens remete a certo status. Os jovens se orgulham de serem “cordeiros”, contam com muita satisfação, e dizem que nesse momento se sentem parte da festa. Recebem o valor de R\$ 20,00 (vinte reais) por muitas horas, trabalhando para proteger as pessoas do bloco, e dessa forma se reconhecem participando do carnaval, como uma forma de estarem na cidade e de se sentirem pertencentes aos espaços públicos.

A partir de uma corda, que separa e protege determinado grupo, a festa de carnaval é aquilo que mantém simbolicamente os territórios segregados e as cidades de muros, como mencionado por Caldeira (2000) e Telles (2006). A festa popular que mais orgulha os brasileiros também imprime uma forma material e simbólica de segregação social. Nessa perspectiva, a história se repete, demonstrando quem faz parte do bloco e quem está fora dele. Esses jovens acreditam que trabalhar em uma festa popular, separando quem está

⁷ Abadá é um tipo de camiseta que identifica o bloco que cada indivíduo faz parte. Pode se diferenciar pela cor ou o nome do trio/bloco carnavalesco que está participando. Para usar o abadá, é preciso comprá-lo e a vestimenta não tem um valor tão acessível.

⁸ Cordeiro é a função exercida por homens e mulheres no período de carnaval. Essas pessoas seguram uma corda ao redor do trio elétrico/bloco formando uma corda humana para separar quem pertence ao bloco e quem não pertence. A lógica é que as pessoas que estão com abadá são protegidas pelos cordeiros. É uma função bastante disputada no carnaval de Salvador, principalmente entre os jovens que não podem pagar pelo abadá.

dentro e quem está fora é pertencer ao espaço público. Segundo eles, existe um status em estar ali. A forma encontrada pelos jovens negros, pobres e moradores de periferia para acessar e se sentir pertencente à cidade e ao carnaval, muitas vezes se dá a partir de sua inserção como “cordeiro” e dessa maneira reformulam a ideia de ocupar os espaços, que em outros momentos não seria possível para eles.

III – Os jovens e suas percepções sobre lugar de violência e não violência

A partir das anotações do caderno de campo e com as primeiras entrevistas foi iniciado o processo de classificação e de codificação qualitativa, para uma interpretação sobre a concepção dos jovens a respeito da violência e da não violência. Nesse aspecto, o processo de codificação, na teoria fundamentada, é a primeira etapa para passarmos dos enunciados reais presentes nos dados para a elaboração das interpretações analíticas. Sendo analítica, uma categoria conceitual deve permanecer sensível à realidade pesquisada e neste caso, os fatos são cruciais, uma vez que essa metodologia busca justamente fundamentar a teoria neles (CHARMAZ, 2009; LAPERRIÈRE, 2014).

As explicações sobre o que era violência para 17 dos 20 (vinte) jovens entrevistados partiam da dificuldade ou a da impossibilidade de transitar em determinados espaços da cidade de Salvador, e indicou, como categoria, a questão do acesso e da mobilidade desses jovens. Os três jovens entrevistados, que não mencionaram a questão do acesso, mencionaram como violência as agressões físicas perpetradas pelos seus próprios pais e o preconceito sofrido por serem pobres e, desses três, um jovem mencionou ter acesso a muitos espaços, devido à sua prática de pichação. Contudo, o relato dos 20 (vinte) jovens entrevistados demonstrou que, de alguma forma, todos eles já haviam sido abordados e tido problemas em acessar determinada rua, bairro ou alguma parte da cidade. Nesse sentido, separei frases narradas pelos jovens que se aproximavam da questão de mobilidade. As frases foram:

1 - “Com os amigos que eu te falei que eu andava antes, eu uso o celular. Num vou até lá não”

2 - “Lá no bairro é difícil ter gente de outro lugar e para a gente ir para outro bairro é meio complicado”

3 - “Se você tá chegando na barra ou no pelourinho, certeza que uma hora ou outra o polícia vai te parar, e se ele não parar, vai ficar te observando”

4 - “Quando a gente vai para outro bairro, no rolê, eles param a gente às vezes dentro do buzu”

5 - “Eu já fui parado muitas vezes na mesma noite, ou era indo para a orla ou voltando para o bairro”

6 - “A gente sabe aonde ir porque não é qualquer bairro que você pode chegar sem saber quem é de lá”

7 - “Eles costumam parar a gente, e nem adianta tá com uma roupa melhorzinha (risos). Eles farejam a gente”

8 - “Para a senhora imaginar, no ponto ali perto do Pirajá, que te falei, de sexta e de sábado o ônibus nem para se tiver só a gente no ponto (risos). Eles já acham que vai rolar assalto.”

9 - “Eu mesmo quando vou para os lados da Orla, às vezes quando to com minha namorada, eles dão uma segurada, mas às vezes ,mesmo com as minas eles revistam, dão *baculejo* na gente”

10 - “A rua de baixo eu só entro com minha irmã ou minha mãe, porque minha tia mora lá [...] e porque eles respeitam muito minha mãe, ela é respeitada por conta do bar que era do meu pai”.

As dez frases selecionadas foram retiradas das entrevistas feitas no decorrer da pesquisa e apontaram deliberadamente as dificuldades de mobilidade enfrentadas por estes jovens cotidianamente. Analisando tais fragmentos, foi possível entender que a ideia de violência para eles apontava para um entendimento de acesso e de mobilidade pelas ruas, pelos bairros e pela própria cidade. Nesse aspecto, essa seleção de frases narradas pelos jovens recebeu a categoria “dificuldade de acesso”.

Essa dificuldade em transitar foi subdividida em duas formas de restringir o acesso: 1ª) violência do *baculejo*, executada por policiais militares e é a mais comum; e 2ª) cerceamento imposto pelos traficantes de drogas para limitar os seus espaços de mercado, apontada pelos jovens como a forma mais branda e menos violenta do que o *baculejo*. Dessa maneira, a possibilidade de acesso reformula a forma de viver a cidade, delimitando espaços e horários possíveis para transitar ou não. Verificou-se, que entre os jovens há aqueles que são

resilientes e os que possuem resistência. Alguns dizem não sair do bairro ou não transitar por determinadas ruas sem a companhia de parentes que lhe deem alguma segurança, outros assumem a quantidade de vezes que sofreram essa situação e continuam a transitar.

A partir dessas narrativas, foi possível perceber que a dimensão de violência está na dificuldade de acesso, e nesse aspecto, para os jovens, a violência não está no bairro com serviços públicos inexistentes ou funcionando de forma precária, mas a violência está no cotidiano das desigualdades. Está na forma desigual de conseguir acessar a cidade, de acessar outros bens de consumo fora dos seus bairros. Como foi narrado pelos jovens, ao acessar os bairros da orla, onde ocorrem os eventos importantes da cidade, como shows, festas e etc., muitas vezes, são constrangidos pela polícia.

A dificuldade de acesso é gerada, primeiramente, pela desigualdade social vivenciada por esses jovens. Esse fator vai relativizar a pobreza como causa principal da violência. Nesse sentido, as narrativas dos jovens demonstram que ser pobre não faz o indivíduo, automaticamente, ser violento, mas a desigualdade em acessar a cidade pode, ocasionalmente, pode gerar ações violentas. A forma como as pessoas ocupam e vivem a cidade vai depender de como elas conseguem acessá-la. Por isso, o exemplo sobre a festa de carnaval e o trabalho dos jovens como cordeiros, foi de extrema importância, pois ao ser descrita apontou as diferenças de se viver em uma mesma cidade, mas em condições desiguais.

Por outro lado, se os jovens salientam a dificuldade de acesso como a forma mais contundente de violência exercida contra eles, os bairros não são percebidos como violentos, ao contrário, foram apontados como bairros bons para morar. Nessa perspectiva, uma segunda interpretação foi elaborada a partir da narrativa dos jovens sobre o que seria para eles um bairro violento e um bairro bom para viver em Salvador. Sobre a percepção dos jovens em relação ao que eles identificam como um bairro violento e um bairro bom de se morar, foram selecionadas algumas frases, bastante mencionadas por eles durante as entrevistas:

1- “Eu acho o bairro tranquilo, (...). Roubo acontece muito, mas agora tá bem mais tranquilo”

2- “Eu gosto do bairro, sempre morei ali, acho normal, num é sempre que tem tiros, assaltos ou brigas...”

3- “Eu gosto de morar lá. To lá desde pequeno, minha mãe veio do interior e ficaram lá quando só tinha sítio e umas casas bem simples e nem era ocupação...sou nascido e criado lá”

4- “O bar da minha mãe todo mundo respeita no bairro, por isso eu gosto de lá outro lugar não ia ser assim”

5- “Quando meus pais chegaram lá era só mato, era perigoso, mas agora tem ônibus, loja, moto-taxi. Eu acho bom sim”

6- “Imagina! Do ladinho da praia de Amaralina (risos) quem num quer morar lá?”.

Paradoxalmente, embora se apresente toda uma estrutura diferente entre os bairros de moradia dos jovens e os bairros próximos da orla, para eles, o seu bairro é um lugar bom para se viver. Como já mencionado anteriormente, dos 20 jovens entrevistados, 16 indicaram seus bairros como um local bom para morar. Ainda que, ao mesmo tempo apontassem dificuldades físicas e estruturais, a visão deles foi positiva em relação ao bairro. Os 04 jovens que discordaram sobre a opinião de seu bairro ser bom para morar, os identificaram como lugares longe da praia ou feios estruturalmente, rodeados por muitas ocupações, e devido à dinâmica dessas ocupações seus bairros apresentavam situações violentas, mas não souberam dizer exatamente quais eram essas situações. Essas percepções apontam o limiar de entendimento e sentimento em relação ao que é violência, e sobre a criminalização da pobreza pelos próprios pobres. Nas narrativas deles havia uma “sensação” de violência por morar próximo às ocupações, e não necessariamente por sofrerem algum tipo de violência como a narrada pelos outros jovens.

As narrativas dos jovens em relação ao bairro “bom de morar” é de suma importância, pois demonstra a percepção destes sobre o que é violento e o que não é violento no local de moradia. O bairro se torna violento para os jovens quando estes, ao transitarem por determinadas ruas e locais, são barrados, impedidos de ir e vir, seja pela polícia ou por traficantes de drogas do local. Por outro lado, é comumente divulgado por pesquisas e pela mídia o alto índice de

homicídios nos bairros pesquisados⁹. Isso demonstra que, ainda que seu bairro seja apontado como violento, principalmente em número de mortes violentas, para os jovens entrevistados a violência se configura em outra dimensão: no acesso à cidade. A violência é sentida de forma subjetiva.

Considerações Finais

Os resultados da pesquisa apontaram para novas possibilidades de se compreender juventude e violência no contexto soteropolitano. O trabalho buscou explicitar como os jovens, pertencentes a bairros periféricos, percebem a violência cotidiana. Em seus relatos, a violência esteve relacionada a diversos fatores, entre eles o constrangimento sofrido ao transitar e acessar determinados espaços da cidade seja pela polícia, através do *baculejo*, ou pelos diferentes grupos de traficantes de drogas.

O estudo permitiu analisar as percepções dos jovens em relação aos seus bairros e o modo como articulam com outros marcadores sociais, a sociabilidade e a acessibilidade em diferentes espaços da cidade. As percepções de violência apontam para a dificuldade de acesso à cidade e para a forma de segregação racial e social. O critério, em geral, é a cor da pele: sendo jovem pobre e branco, sua permanência será mais tolerada e seu confinamento menos rígido; sendo jovens pobres e negros serão mais observados e subjugados, conseqüentemente, também, mais confinados em determinados locais da cidade de Salvador.

Foi possível observar, que a despeito dos altos índices de homicídios verificados nos bairros periféricos de Salvador, os jovens moradores destes bairros não apontaram a violência letal como algo relevante na compreensão da violência. Ou seja, mais violento do que o cotidiano de mortes, é a sua limitação de ir e vir pela cidade. A impossibilidade de ir e vir retrata o “não existir” na cidade, uma “morte” lenta onde o jovem “morre” socialmente.

⁹ Esporadicamente a Secretaria de Segurança Pública de Salvador aponta quais são os bairros mais violentos em números de homicídios e tais índices são expressos nas capas dos jornais da referida capital: <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/salvador/noticia/paripe-lobato-e-sao-cristovao-estao-entre-os-dez-mais-violentos-de-salvador/?cHash=26bcc5bca46f78473a78a52a64cce209>

Dentro desse complexo fenômeno, o que menos foi identificado pelos jovens como violência foi o homicídio, dado fortemente apontado pela sociedade. Poucos apontaram o seu bairro ou o tráfico de drogas como locus da violência, e tão pouco responsabilizaram a pobreza, muitas vezes assinalada como motivadora da violência. A violência, a partir das narrativas dos jovens soteropolitanos, foi revelada na forma de desigualdade social. Para esse grupo, o acesso desigual à cidade é a violência. É a morte em vida.

Referencias

AMORIM, M. S. S.; COSTA, I. F. Mapa da violência e qualidade da democracia brasileira: algumas contradições. In: Anais do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, 10 a 13 de setembro de 2013, UFBA, Salvador, BA.

BRICEÑO-LEON, Roberto. Sociología de la violencia en América Latina. FLACSO. www.flacso.org.ec Quito, Ecuador, Diciembre 2007.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do Lugar. In: Bourdieu, P. (coord.) A Miséria do Mundo. Petrópolis. Vozes. 1997.

_____ Espaço Social e espaço simbólico. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, Papyrus, 1996.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania. São Paulo. Ed. 34. 2000.

CHARMAZ, Kathy. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERREIRA, Thaisa da Silva. Narrativas de jovens sobre percepções de violência em bairros periféricos da cidade de Salvador. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFBA, 2016.

LAPERRIÈRE, Anne. A pesquisa quantitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução Ana Cristina Nasser. 4 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

TELLES, Vera. Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios/organizado Vera da Silva Telles, Robert Cabanes. São Paulo. 2006.

VILLAÇA, Flávio. O espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

WACQUANT, Loic. As duas faces do gueto. São Paulo. Boitempo. 2008.

_____ Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. Novos estudos. - CEBRAP, São Paulo, n.96, p. 87-103, Júlio/2013.